



O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro

Antifeminism as a backlash in Bolsonaro government speeches

8

Bruna Soares de Aguiar¹
Matheus Ribeiro Pereira²

Resumo: Em um período que a onda conservadora tem se mostrado inserida na política brasileira, o presente artigo tem como objetivo analisar o advento do governo de Jair Bolsonaro como um processo de institucionalização do *backlash* contra os direitos das mulheres (Faludi, 2001). Desta forma, em um primeiro momento serão contextualizados o movimento feminista e a ideologia patriarcalista que estruturam as relações da sociedade no Brasil, apontando para os avanços que ocorreram no país ao longo do tempo na agenda de gênero. A partir disto, serão selecionadas falas do presidente Bolsonaro e de alguns membros da sua cúpula, coletadas a partir de três palavras-chave em sites de busca: aborto, ideologia de gênero e objetificação da mulher. Como fonte foram delimitados os jornais O Globo e Folha de São Paulo, e a

¹ Doutoranda em Ciência Política (IESP/UERJ), Mestra em Sociologia (IESP/UERJ), Bacharela em Ciência Política (UNIRIO). Pesquisadora no Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (GRISUL) e no Laboratório de Análise Política Mundial (Labmundo – Rio). brusoaresaguiar@gmail.com

² Mestrando em Gestão da Economia Criativa (ESPM - Rio), Pós-Graduado em Comunicação Organizacional Integrada (ESPM- Rio), Bacharel em Comunicação Social (UCAM). Pesquisador no Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP). matheusr419@gmail.com

Revista Exame, restringindo o período investigado aos nove primeiros meses de governo.

Palavras-chave: Aborto; Backlash; Feminismo; Governo Bolsonaro; Ideologia de gênero; Objetificação da mulher.

Abstract: In a period in which the conservative wave has been inserted in Brazilian politics, this article aims to analyze the advent of Jair Bolsonaro's government as a process of institutionalizing backlash against women's rights (Faludi, 2001). Thus, at first, the feminist movement and the patriarchal ideology that structure the relations of society in Brazil will be contextualized, pointing to the advances that occurred in the country over time in the gender agenda. From this, speeches will be selected from President Bolsonaro and some members of his summit, collected from three search engine keywords: abortion, gender ideology and objectification of women. The sources were delimited by the newspapers O Globo and Folha de São Paulo, and ExameMagazine, restricting the investigated period to the first nine months of government.

Keywords: Abortion; Backlash; Feminism; Bolsonaro Government; Gender ideology; Woman objectification.

1. Introdução

No final da década de 1990 um movimento denominado Onda Rosa se tornou notório na América do Sul (Silva, 2014). Os países que faziam parte desta onda tinham como base comum a introdução no debate público de uma agenda social voltada para a ampliação dos direitos humanos, o pressuposto de um desenvolvimento classificado como sustentável e maior ascensão de discursos sobre diversidade. Temas que eram vistos pela esquerda e centro-esquerda como, em alguma medida, um avanço para os países da região, questionavam diretamente o *status quo* que em anos anteriores sustentou os governos neoliberais.

No final da primeira década dos anos 2000 esses governos que compunham a Onda Rosa entraram em declínio, seja por denúncias de corrupção ou por reações às políticas sociais inclusivas, visto que “as políticas de proteção social tenderam a empoderar os mais pobres, gerando pressão e revolta das classes médias” (Almeida, 2019, p. 187). O processo de contestação dos direitos adquiridos também chegou de forma generalizada nos países da América do Sul, uma onda conservadora – tanto em

âmbitos morais, quanto nas pautas econômicas – assolou os países da região que retornaram a eleger representantes de ideologias de direita, ou até mesmo extrema direita.

No caso brasileiro, o processo de saída do governo de esquerda do Partido dos Trabalhadores (PT) começou com as manifestações de junho de 2013. Naquele momento a população foi às ruas contestar as políticas econômicas de Dilma Rousseff, que estava no final do seu primeiro mandato. A ocupação das ruas foi determinante para a criação de novos grupos de direita, denominados de “nova direita”, que se desenvolveram se reconhecendo como horizontais e desligados de partidos políticos. Esses eventos marcaram o enfraquecimento da candidata do PT nas eleições de 2014 e demonstraram o início de uma polarização entre os eleitores brasileiros. Três anos após as Jornadas de Junho, a primeira presidenta mulher do Brasil foi retirada do poder por um processo formalmente chamado de *impeachment*. O que chama atenção na construção da deslegitimação do governo de Dilma Rousseff se seguiu nos anos posteriores no pensamento social e político brasileiro: as ofensas em relação a gênero, piadas sexistas, questionamento quanto a preferência sexual da presidenta, e objetificação do corpo da mulher.

O governo de Michel Temer foi marcado por uma significativa transformação ideológica, em comparação aos anos anteriores do PT. Ainda que tenham sido poucas as ações diretas do governo de centro-esquerda em relação às mulheres brasileiras, o desmantelamento da participação feminina na esfera pública no governo de Temer ficou mais evidente em alguns pontos, principalmente em sua composição ministerial – majoritariamente masculina e branca, e seus comentários que caracterizavam um pensamento conservador em relação a ocupação das mulheres no espaço público, sendo a famosa frase “bela, recatada e do lar”³ a de maior repercussão.

Acontece que essas percepções sexistas foram ganhando força ao longo dos anos e junto foi crescendo a ascensão da “nova direita” no país. Os discursos desses

³ Outra declaração de Michel Temer sobre as mulheres, que repercutiu, foi em ocasião do Dia Internacional da Mulher de 2017, quando, dentre outras declarações de cunho tradicional disse: “[...]e, se a sociedade de alguma maneira vai bem e os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada formação em suas casas e, seguramente, isso quem faz não é o homem, é a mulher”. (Dias et al, 2017 In Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1864708-tenho-conviccao-do-que-a-mulher-faz-pela-casa-diz-temer-no-dia-da-mulher.shtml> Acesso em: 20 set. 2019).

grupos que se colocaram em oposição a Onda Rosa, agora chamados de Maré Azul⁴, giravam em torno de um posicionamento moralista e conservador a respeito da posição da mulher na sociedade. Pautado por um enfrentamento direto aos grupos feministas e uma ligação fundamentada em princípios religiosos, principalmente no que tange ao conceito de família e o papel da mulher como cuidadora.

Nesse contexto, em 2014, grupos antifeministas passaram a proliferar em redes sociais, o que suscitou uma visibilização das preocupações de grupos conservadores a respeito do avanço dos temas sobre diversidade propostos pelo governo do PT, e outras frentes que se classificam como de esquerda no país. Em 2018, aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro, o 1º Congresso Antifeminista do Brasil. De acordo com reportagem da Revista Época, o evento teve participação majoritariamente masculina, apesar dos palestrantes, em maioria, serem mulheres. O discurso difundido girou em torno da sinalização de que o feminismo tem incompatibilidade com o Cristianismo, que promove uma agenda comunista e caracterização do público feminista como sujo e feio (Revista Época, 2018).

11

Além de uma composição masculina, o que havia de comum neste evento é que os participantes, em grande parte, usavam camisas de apoio ao, então, candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro (Revista Época, 2018) – ainda que não tenha sido feita nenhuma comprovação ou declaração oficial de apoio de Bolsonaro ao evento. Narrativas como as apresentadas no 1º Congresso Antifeminista do país podem ser facilmente encontradas nos discursos do presidente, e de demais representantes da “nova direita” brasileira.

Segundo Faludi (2001), existe um fenômeno contra a ascensão de direitos das mulheres que é recorrente na história, e sucede qualquer período de avanços femininos (Rangel et al, 2016), a nomenclatura utilizada pela autora é *backlash*.

Toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo a igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. ‘O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de ‘progresso’, sempre foi estranhamente reversível’, observou a estudiosa de literatura

⁴ Termo cunhado para fazer referência à atual onda conservadora latino-americana, e um contra-ponto ao termo Onda Rosa.

americana Ann Douglas. [...] ‘Enquanto os homens prosseguem no seu desenvolvimento, construindo sobre tradições herdadas’, escreve a historiadora Dale Spender, ‘as mulheres ficam confinadas em ciclos contínuos de recomeço’. (Faludi, 2001, p.65)

A autora identifica ciclos de *backlash* contra a ascensão de direitos das mulheres na sociedade estadunidense, focando no fenômeno da década de 1980. Em seu livro, Faludi (2001) aponta o papel da mídia, da moda e da cultura social na guerra não declarada às mulheres, e também destaca o ressentimento da “nova direita” dos EUA contra às mulheres. A narrativa consiste em uma argumentação de que o feminismo contou mentiras às mulheres, e que elas não podem ter tudo, visto que o acesso a esfera pública acarretaria problemas no âmbito privado, destruindo a família, “[...] se o backlash contemporâneo tinha uma terra natal, esta era aqui, no seio da Nova Direita, onde ele começou a tomar forma como um movimento com um claro compromisso ideológico” (Faludi, 2001, p. 238).

12 Fato é que, ao olharmos para a ascensão da “nova direita” brasileira, principalmente no período eleitoral de 2018 - etapa pautada por uma divergência de posicionamento no que tange à temas relacionados a violência, maior idade penal, direitos humanos e, principalmente, a agenda de gênero - observamos as mesmas características delineadas por Faludi (2001) nos EUA da década de 1980, amplificadas pela evolução das novas mídias, onde o discurso de um candidato alcança um público muito maior do que no período destacado pela autora. E é nesse contexto, onde destaca-se uma narrativa mais próxima entre eleitor e candidato, que este artigo evidencia a seguinte pergunta: como o antifeminismo da onda conservadora se manifesta nos discursos de Jair Bolsonaro?

Buscando responder este questionamento e analisar a hipótese que a narrativa evidenciada pelo atual Presidente e sua cúpula do governo, em torno de temas relacionados ao antifeminismo, são processos de institucionalização do *backlash* no Brasil, este artigo irá realizar uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, pois assim como explicado por Gil (1999), este tipo de pesquisa têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Similarmente, também iremos realizar uma análise de discurso seguindo os preceitos de Fairclough (1999), onde acredita-se que o discurso deve ser entendido não como uma atividade individual ou reflexo de multiplicidades situacionais, mas como o uso da “forma de prática social”. Para isto, selecionamos algumas falas do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e de membros de sua cúpula a respeito de três temas de considerável importância para o movimento feminista e o acesso de direitos para mulheres: aborto, objetificação da mulher e ideologia de gênero. A seleção do material a ser investigado se deu por meio da pesquisa dessas palavras-chave em motores de busca *online*, filtrada por cada mês de governo, tendo início em 01 de janeiro e final em 30 de setembro de 2019. Assim, o marco temporal deste artigo é os nove primeiros meses do exercício da presidência por Jair Bolsonaro. Limitamos nosso material aos resultados obtidos nas fontes dos jornais O Globo, Folha de São Paulo e na Revista Exame.

Este trabalho será composto por duas sessões, na primeira buscaremos contextualizar a pauta do movimento feminista no mundo, de modo a esmiuçar os principais conceitos defendido pelas Teorias Feministas e pelo ativismo feminista, e os avanços ao longo do tempo na garantia de direitos para as mulheres no Brasil. De maneira conjunta apresentaremos as características do *backlash* contra direitos das mulheres, de acordo com o que fora delimitado por Faludi (2001), por entendermos que desta maneira será possível visualizar os princípios que grupos antifeministas buscam desconstruir por meio de discursos e relações públicas. Na segunda parte do estudo, será feita a análise de discurso nas falas selecionadas no período de pesquisa, neste momento consideraremos, além das palavras-chave de busca, características do *backlash* de modo a comprovar a hipótese de que a administração de Jair Bolsonaro tem sido um mecanismo de institucionalização desta prática no Brasil.

2. Movimento Feminista e o *backlash*

O feminismo tem como objetivo principal a busca pela igualdade de gênero na sociedade, para isso, se coloca como ativismo e epistemologia crítica da realidade social, política e econômica vigente. Tradicionalmente a sociedade se estruturou em torno do que é masculino é universal, e constituiu formas hegemônicas de reger o

mundo baseadas em pressupostos desenvolvidos por homens brancos. Desta maneira, diversas experiências e saberes ficaram excluídos das regras sociais, e os sujeitos que não se encaixam no *ethos* ocidental de homem, branco e heterossexual foram marginalizados em seus processos de integração na sociedade como um todo.

Importante destacar que não existe um único movimento feminista, justamente pela busca de integrar saberes diversos e experiências distintas do que é ser mulher. Desta maneira, tende-se a visibilizar como primeira onda do movimento feminista o manifesto das mulheres brancas, liberais e ocidentais. A busca desse grupo era majoritariamente pela participação de mulheres na política, inserindo o debate a respeito da dicotomia público/privada na qual o gênero feminino é, tradicionalmente, relegado à papéis da esfera do cuidado, e limitado à participação em espaços públicos como mercado de trabalho e política. Essa corrente do feminismo acredita que as principais mudanças vão ocorrer a partir do Estado, com a realização de políticas públicas, acesso de mulheres à cargos de tomada de decisão, entre outros aspectos (Tickner, 1992; Enloe, 1993; Okin, 2008).

14

Com o passar do tempo, os debates vão se expandindo e incluindo outras perspectivas, como Fridman (1963) e a situação da mulher no processo de industrialização. Interpretações como as de Bell Hooks (2005) e Patricia Hill Collins (1990) defendem um olhar interseccional na promoção de equidade de gênero, o que quer dizer que se deve considerar diferenças de classe, raça, sexualidade, origem e etnia para compreender as demandas e os processos emancipatórios femininos.

Apesar de diferenças de pontos de partida, todas essas autoras e ativistas possuem em comum a compreensão acerca da necessidade de visibilizar as opressões vividas pelas mulheres. Mas para isso é preciso compreender que o ser mulher é uma ação performática, demandada a partir da estrutura social que define o que é característica da categoria homem e o que é adjetivo da categoria mulher (Buttler, 2003). A partir desses desempenhos as experiências de vida e opressões são definidas, ou seja, fica delimitada a participação social, política e econômica daquele sujeito. Se homem, esfera pública, maiores salários, presença em cargos de tomada de decisão; se mulher, esfera privada, maternidade, cuidadora, cargos de secretariado, menor salário, dupla jornada, e tantas outras características. Os discursos e as práticas do

desenvolvimento capitalista delimitaram e continuam apontando os espaços de atuação de homens e mulheres nos grupos sociais, havendo uma divisão sexual do trabalho, em que poder e riqueza são produzidos em função do par binário homem e mulher (Gudynas et al, 2010).

A ideologia que regula e legitima esses processos de sociabilidade é o patriarcalismo. De acordo com Saffioti (2001), é uma ideologia que está aquém da consciência, “o que excluí a possibilidade de se pensar em cumplicidade feminina com homens no que tange ao recurso à violência para a realização do projeto masculino de dominação-exploração das mulheres” (Saffioti, 2001, p.121). Quando a mulher alcançou o âmbito público e ocupou postos de trabalho não houve ruptura com o regime patriarcal. Ao contrário, o patriarcalismo reforçou as relações de poder hierarquizadas entre homens e mulheres, elas somaram ao trabalho reprodutivo o desempenho de suas atividades no âmbito público – ainda restritos – enquanto que o homem teve seu papel mantido na estrutura pública do desenvolvimento. Para Saffioti (2004), as consequências do patriarcalismo, além de relações de poder, é a violência. A autora assume o conceito de violência simbólica de Bourdieu, em que a violência é resultado da dominação. “A violência simbólica impregna corpo e alma das categorias sociais dominadas, fornecendo-lhes esquemas cognitivos conformes a esta hierarquia [...]” (Saffioti, 2001, p. 118), a dominação simbólica que estrutura essa violência provém de uma força que não precisa de justificativa.

Os processos de que Saffiot (2001) chama de violência simbólica são aqueles que outras autoras feministas denominam de opressão (Bell Hooks, 2005; Collins, 1990), e, como dito anteriormente, são nesses fenômenos que o movimento feminista busca incidir. No Brasil, a primeira articulação de mulheres é datada do século XX, acompanhando o fluxo do movimento feminista internacional na luta pelo voto feminino e em movimentos operários. As brasileiras conquistaram o direito ao voto nas eleições de 1932. Praticamente 30 anos depois, houve uma retomada mais incisiva da atuação das mulheres quando em 1960 iniciou-se o debate a respeito do anticoncepcional, promovendo uma ampla discussão a respeito da saúde reprodutiva feminina e na própria forma de se relacionar entre homens e mulheres. A busca por

participação feminina foi ampliada para além dos processos políticos e sociais, e incidiu sobre as relações privadas (Alves e Alves, 2013).

As décadas seguintes se mostraram com ampliação do movimento de mulheres, principalmente nos processos de resistência à ditadura militar, e através de movimentos sociais contra o racismo, por exemplo. No ano de 1984 foi criado o Conselho Nacional da Condição da Mulher, que teve influência na inclusão de direitos das mulheres na Constituição de 1988 (Alves e Alves, 2013). Nos anos 2000 dois importantes marcos foram vivenciados no país referente a luta das mulheres: em 2006 a criação da Lei Maria da Penha, que tipificou a violência contra a mulher sendo o primeiro instrumento de proteção para às brasileiras vítimas de violência doméstica; e no ano de 2015 foi publicada a Lei 13.104/15, modificando o Código Penal brasileiro, compreendendo o feminicídio, ou seja, o assassinato de uma mulher em razão de gênero, como ocorrência que qualifica o crime de homicídio, e o inserindo em crimes hediondos.

16

Ainda que o Mapa de Coletivos de Mulheres (MAMU) tenha registrado até 2017, pelo menos 200 movimentos feministas, organizações e ações em torno da luta contra a opressão das mulheres no Brasil, podemos observar que os avanços foram poucos ao longo do tempo. Mas, ainda assim, essas poucas conquistas tendem a ser questionadas em determinados contextos políticos, como posto por Simone de Beauvoir, com uma crise política, econômica ou religiosa os direitos das mulheres são questionados, visto que não são permanentes. E é neste sentido que se encaixa o debate em torno do *backlash* contra os direitos das mulheres (Faludi, 2001), o questionamento dos direitos adquiridos, ainda que poucos.

Segundo Faludi (2001), regimes políticos, legitimados pela mídia e pela moda, por exemplo, tenderam a direcionar questionamentos e definições negativas aos movimentos feministas dos EUA por meio da narrativa de que o acesso a direitos fez com que as mulheres se tornassem infelizes. O discurso construído se deu em razão de uma percepção deturpada de que a participação feminina na sociedade de maneira igualitária era um advento que retirava a posição masculina de poder. Essa contraposição estava, principalmente, no discurso da “nova direita” (Faludi, 2001), que, apesar de não obter muitos ganhos legislativos, realizou grandes feitos no âmbito

das relações públicas, através de seus discursos. A autora destaca dois argumentos desse grupo político nos EUA: que as feministas influenciaram as mulheres a terem mais preocupação com o materialismo do que com valores morais, e que há um dismantelamento do sistema de apoio da família. Neste processo de construção das narrativas, entrou uma forte influência religiosa no imaginário de uma aversão ao movimento feminista como sendo um grupo de mulheres que ataca os princípios morais da sociedade, ou seja, as estruturas familiares que reproduzem os papéis tradicionais de masculinidade e feminilidade.

A autora delimitou o processo que fez com que esses grupos, antes falidos e com perda de apoio, conseguissem acesso ao poder público. Em sua descrição fica evidente que o processo de avanço de direitos femininos na década de 1970 despertou um receio por parte do público masculino mais tradicional, que desenvolveu uma forma de recuperar a hegemonia masculina que sentiram estar perdendo. As eleições foram fundamentais para a legitimação dos discursos antifeministas, Faludi (2001) esclarece que a existência de um candidato que representava a ideologia da “nova direita”, fez com que os outros candidatos – ainda que de ideologias vistas como tradicionalmente opostas – fossem categorizados com mesmo viés político e tendessem a defender os mesmos princípios. De acordo com a autora, narrativas que antes eram tidas como não válidas, passaram a ser aceitas socialmente.

[...] ao criar um novo rótulo para os termos do debate sobre igualdade, descobriram [“os representantes da nova direita”], eles podiam polir verbalmente o caminho para o poder. Ao redirecionar as linhas de poder por meio de uma espécie de inversão semântica, poderiam dar um golpe pelo eufemismo [...] a Nova Direita rotulou sua resistência aos recém adquiridos direitos de reprodução das mulheres como ‘luta pela vida’; sua posição à recém-conquistada liberdade sexual das mulheres passou a ser chamada de ‘pró-castidade’; e sua hostilidade à entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho tornou-se ‘pró-maternidade’. Finalmente a Nova Direita criou um nome para si mesma [...] ‘pró-família’. (Faludi, 2001, p. 245-246)

A estratégia do jogo de palavras se mostrou presente recentemente no Brasil. Como colocamos anteriormente, o processo de substituição dos governos de centro-

esquerda pela extrema direita tendeu a ser realizada pela valorização dos padrões tradicionais e morais da família brasileira. Em um contexto em que a sociedade enfrentava crise política e econômica, discursos antifeministas floresceram, quando a realidade é que todo e qualquer discurso que se colocava como antagonista a narrativa do governo petista fora visto pela população como positivo. Dentro desse espectro, a "nova direita" foi ganhando mais espaço e adesão a partir de 2014, com elevada contribuição da mídia e sua propaganda negativa em relação a Dilma Rousseff, e a capacidade de ampliação dos movimentos através das redes sociais.

O processo eleitoral de 2018 foi de máxima relevância para construção de discursos e surgimento de personalidades políticas que pudessem retirar o Brasil da crise em que se encontrava. Assim, indivíduos vistos como caricaturas da política, e sem espaço em meios tradicionais da mídia, conseguiram atingir o público. Jair Bolsonaro apresentou como uma das causas para a crise brasileira os valores que, segundo ele, eram deturpados e que destruíam a família brasileira. Nesse contexto, a busca por direitos das mulheres e o combate ao patriarcalismo foram tornados, através dos discursos dos representantes desse grupo político, sinônimos de ódio aos homens e a família, fomentando o debate antifeminista e a crença na necessidade de uma busca para "salvar" o país do comunismo, e aversão a palavra feminismo.

3. Análise de discurso do Governo Bolsonaro

Com base na contextualização retratada anteriormente, buscaremos explorar através de uma análise de discurso, utilizando como palavras-chaves aborto, objetificação da mulher e ideologia de gênero, os sentidos e fundamentos implementados pelo Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e sua cúpula governamental, ao falar sobre temas que tenham relação com o movimento feminista. Para tanto, será considerado, além do transmissor, também o receptor da mensagem e o contexto em que ela se insere, assim como sugerido por Vergara (2008). Ao nos depararmos com uma enormidade de relatos do presidente e do seu governo em relação ao tema, estudamos somente as matérias que foram evidenciadas através das plataformas de comunicação dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo e da Revista Exame, durante o período entre o dia 1 de janeiro e 30 de setembro de 2019.

Optamos por apresentar as declarações por meio de um delineamento temporal dos nove primeiros meses de governo, destacando o receptor sempre como o agente com quem o representante do governo fala, mas compreendemos que, de maneira ampla, o receptor do discurso é a sociedade brasileira como um todo, num esforço de modificar a narrativa feminista no imaginário social, e corroborar com um movimento antifeminista.

Ademais, buscaremos observar nas falas destacadas algumas estratégias do *backlash* (FALUDI, 2001): uma visão estereotipada do feminismo e a respeito das feministas; a inversão de causas, ou seja, ao invés de vincular os problemas sociais à ideologia patriarcal, atribuir os problemas vivenciados pelas mulheres ao feminismo; criação de mitos que geram insegurança na busca pela independência feminina, há um conjunto de características negativas atribuído as mulheres feministas, gerando um receio de receber tais atributos, e, por fim, diminuir o movimento feminista como sendo algo corriqueiro, recente e passageiro, negando todas as experiências vividas até agora.

19

Mês: Janeiro

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Representantes do governo presentes no Congresso Nacional

Contexto: Discurso de posse de Bolsonaro

“Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas” (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: inversão de causas, vinculando os problemas sociais à ideologia feminista

Mês: Janeiro

Emissor: Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves

Receptor: Apoiadores, durante reunião informal

Contexto: Discurso para apoiadores no dia da cerimônia de transmissão de cargo na qual Damares assumiu a pasta como Ministra

“É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa” (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo e a respeito das feministas

Mês: Janeiro

Emissor: Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PSL)

Receptor: Internautas presentes na rede social *Twitter*

Contexto: O deputado aparentemente busca reforçar seu posicionamento em relação ao tema feminismo, ao falar sobre Murilo Resende, novo diretor de Avaliação da Educação Básica, órgão responsável pelo Enem e pela Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica)

"Atenção professores: seu aluno que inicia agora o 1º ano do ensino médio não precisa saber sobre feminismo, linguagens outras que não a língua portuguesa ou história conforme a esquerda, pois o vestibular dele será em 2021 ainda sob a égide de pessoas da estirpe de Murilo Resende" (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: diminuição do movimento feminista como sendo algo corriqueiro

Mês: Janeiro

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: TV Bloomberg, em Davos, em prol de sua participação no Fórum Econômico Mundial

Contexto: Em entrevista, o presidente do Brasil respondeu questões sobre as mais variadas vertentes, mas ao ser questionado se ele se arrependia de ter declarado, nas

eleições presidenciais de 2018, “que não contrataria mulheres porque elas engravidam” e que “mulheres serem muito feias para serem estupradas” ele emitiu a seguinte resposta.

“Eu sou cristão, acredito em Deus, no que depender de mim, nenhuma iniciativa favorável ao aborto será apresentada no parlamento. Se o parlamento resolver por maioria aprovar um projeto deles, eu veto e, se o parlamento derrubar o veto, nós vamos respeitar a lei na questão do aborto” e complementou dizendo que “nós trabalhamos duramente contra o que se chama no Brasil de ideologia de gênero, para fazer com que na escola então a criança não tivesse, repito, criança com seis anos de idade, não tivesse esse tipo de informação” (EXAME, 2019)

Característica do *backlash*: criação de mitos que geram insegurança na busca pela independência feminina

Mês: Fevereiro

Emissor: Presidente do Inep, Marcus Vinicius Rodrigues

Receptor: Jornal O Globo

Contexto: O Governo Bolsonaro busca criar uma Comissão para verificar componentes ideológicos nas questões do Enem. Ao ser procurado pelo jornal O Globo, o Presidente do Inep responde a questões referentes a este fato.

"Quando a gente fala em gênero, acho que não cabe a escola tratar disso. Cabe à família tratar disso. Eu não teria como sugerir uma questão que são de assuntos familiares" e também acrescentou que "Eu posso fazer uma medição, uma boa redação, para atestar se o aluno tem ou não condições de seguir na vida profissional sem buscar um tema que venha a agredir ou não estar de acordo com alguns valores" (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: diminuição do movimento feminista como sendo algo corriqueiro

Mês: Março

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Declarações a jornalistas no Palácio do Planalto

Contexto: Na véspera do dia das mulheres, Bolsonaro busca rebater as críticas em relação ao fato de dar pouco espaço para mulheres, sendo o seu governo predominantemente masculino, branco e militar.

“Pela primeira vez na vida o número de ministros e ministras está equilibrado em nosso Governo. Temos 22 ministérios, 20 homens e duas mulheres. Somente um pequeno detalhe, cada uma dessas mulheres que estão aqui equivalem por dez homens” e completou dizendo “A garra dessas duas transmite energia para os demais” (EXAME, 2019)

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo

Mês: Março

Emissor: Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves

Receptor: Representantes mundiais presentes na 63ª sessão da Comissão sobre a Situação da Mulher

Contexto: Discurso da ministra, sobre o tema aborto, no evento da ONU

“Defendo com o mesmo empenho a inviolabilidade do direito à vida prevista na Carta Magna brasileira. Senhoras e senhores, direito à vida, no entendimento do atual governo brasileiro, significa proteção da vida desde o momento da concepção” (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

Característica do *backlash*: criação de mitos que geram insegurança na busca pela independência feminina

Mês: Março

Emissor: Diplomacia brasileira

Receptor: Representantes mundiais presentes na 63ª sessão da Comissão sobre a Situação da Mulher

Contexto: No texto lido por seu representante, o governo brasileiro mostra-se estar insatisfeito com o resultado do encontro

"Nós também nos preocupamos com o desvio de pontos-chave do texto, que buscam estimular uma agenda com a qual não concordamos. O governo brasileiro não vai mais apoiar o uso de termos e expressões dúbios que causaram confusão e desentendimentos" (GLOBO, 2019)

"Nós consideramos que, para esses propósitos, gênero é sinônimo de sexo, e sexo é definido biologicamente como homem e mulher" (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: diminuição do movimento feminista

Mês: Março

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Repórteres presentes nos jardins da Casa Branca, nos Estados Unidos

Contexto: Coletiva de Jair Bolsonaro e Donald Trump referente a aliança entre Brasil e EUA

"Estados Unidos e Brasil estão irmanados na fé em Deus, contra a ideologia de gênero, o politicamente correto e as fakenews. Queremos uma América grande e um Brasil grande também. Selamos uma aliança promissora entre as duas maiores democracias das Américas" (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: diminuição do movimento feminista

Mês: Março

Emissor: Deputada estadual Ana Caroline Campgnolo (PSL-SC)

Receptor: Integrantes e ouvintes presentes na cerimônia de posse dos novos integrantes da Comissão de Anistia

Contexto: Endossada pela Ministra Damares, Campgnolo, autora do livro "Feminismo: Perversão e Subversão", falou sobre existir mais fumaça que fogo em muitos dos gritos feministas.

“A maior parte das mulheres não sofrerá estupro ou agressão física”
(FOLHA DE S. PAULO, 2019)

Característica do *backlash*: criação de mitos que geram insegurança na busca pela independência feminina

Mês: Abril

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Revista Crusoé

Contexto: Entrevista realizada com o presidente onde ele fala sobre os mais variados temas, inclusive sobre gênero

"O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias" e acrescentou que "Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade. Agora não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro" (EXAME, 2019)

24

Característica do *backlash*: inversão de causas vinculando problemas sociais às ideologias feministas

Mês: Abril

Emissor: Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves

Receptor: BBC News Brasil

Contexto: Frases destacadas pela ministra ao ser perguntada sobre questões relacionadas a aborto e sexualidade

"Eu gostaria que a abstinência fosse também um método a ser discutido em sala de aula. Eu gostaria muito de conversar sobre isso com os jovens", disse ela na entrevista, acrescentando: "Estamos vendo uma campanha muito grande do sexo pelo prazer, tão somente pelo prazer, mas voltar a falar do afeto, trazer o afeto para esse debate, acho que é o método mais eficiente para a não gravidez, não é a camisinha, não é o diu, não é o anticoncepcional, o método mais eficiente é a abstinência. Por que não falar sobre isso? Por que não

falar de retardar o início da relação sexual? Eu defendo essa tese." (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: inversão de causas vinculando problemas sociais às ideologias feministas

Mês: Abril

Emissor: Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves

Receptor: Ouvintes presentes na audiência na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara

Contexto: Ministra é questionada se a mulher deve ser submissa ao homem, em alusão a um vídeo no qual ela mesma, então pastora, afirmava isso

“Fiz essa fala na minha igreja. Dentro da doutrina cristã, lá dentro da igreja, nós entendemos que, num casamento entre homem e mulher, o homem é o líder. Então essa é uma percepção da minha igreja, da minha fé” (O GLOBO, 2019)

25

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo e a respeito das feministas

Mês: Junho

Emissor: Ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo

Receptor: Diplomatas brasileiros

Contexto: Itamaraty orienta diplomatas a frisar que gênero é apenas sexo biológico.

“O entendimento do governo brasileiro de que a palavra gênero significa o sexo biológico: feminino ou masculino” e completo dizendo que “você não tem mais nação, onde você não tem mais família, onde você não tem mais homem e mulher” (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

Característica do *backlash*: diminuição do movimento feminista

Mês: Junho

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Internautas presentes na rede social *Twitter*

Contexto: Lamentação seletiva do presidente em relação a morte do MC Reaça, sendo que o cantor havia anteriormente agredido uma agente de viagens e, sobre isso, Bolsonaro nada falou.

"Tales Volpi, conhecido como MC Reaça, nos deixou no dia de ontem. Tinha o sonho de mudar o país e apostou em meu nome por meio de seu grande talento" (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

Característica do *backlash*: inversão de causas vinculando problemas sociais às ideologias feministas

Mês: Junho

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Internautas presentes na rede social *Facebook*

Contexto: Em transmissão ao vivo pela plataforma do *Facebook*, Bolsonaro fala sobre questões de gênero e cita o caso do menino Rhuan.

"A própria mãe com a outra colega, casal de lésbica, cometendo este crime hediondo. O que passa na cabeça de qualquer um é uma punição eterna para quem cometeu uma maldade dessa. Primeiro castrando o garoto, daí vem a tal ideologia de gênero que não vou polemizar em cima disso " (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: inversão de causas vinculando problemas sociais às ideologias feministas

Mês: Julho

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Ouvintes presentes no Conselho Superior do Cinema (CSC), na Casa Civil

Contexto: Governo se posiciona sobre política nacional do audiovisual

“Não posso admitir que, com dinheiro público, se façam filmes como o da Bruna Surfistinha. Não dá” e ainda reiterou que “não somos contra essa ou aquela opção, mas o ativismo não podemos permitir, em respeito às famílias” (GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: criação de mitos que geram insegurança na busca pela independência feminina

Mês: Julho

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Declarações aos jornalistas na saída do Palácio da Alvorada

Contexto: Bolsonaro é questionado por uma jornalista sobre suas declarações preconceituosas relacionadas aos 'governadores de paraíba'

“Se eu chamar você de feia agora, todas as mulheres do Brasil estarão contra mim. Eles acham que o Nordeste é uma massa de manobra. Na verdade, a imprensa brasileira está com saudade do PT e do Lula” (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo e das feministas

Mês: Agosto

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Adeptos da Marcha para Jesus em Brasília

Contexto: Ao participar da marcha, Bolsonaro cumprimentou fiéis e subiu ao trio elétrico com o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, proferindo diversas opiniões.

“O presidente vai respeitar a inocência das crianças em sala de aula. Não existe essa conversinha de ideologia de gênero. Isso é coisa do capeta” (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo e das feministas

Mês: Agosto

Emissor: Ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo

Receptor: Ouvintes da Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara

Contexto: Ao participar da comissão, no qual o tema era "Discussão sobre as recentes instruções dadas ao corpo diplomático no sentido de vetar nos textos e resoluções da ONU expressões relativas a gênero, feminismo e saúde reprodutiva", o ministro falou, novamente, sobre o caso Rhuan e sobre o tema aborto.

“É um caso prático. A própria mãe se sentiu empoderada para castrar e matar o menino. Ela ouviu que não existe diferença entre homem e mulher” (O GLOBO, 2019)

“Dentro desse conceito de direitos sexuais reprodutivos existe, sim, embutida, a questão do aborto. Precisamos chegar a um consenso de que, quando falamos sobre saúde da mulher, não estamos nos referindo ao aborto. É como se houvesse uma gilete dentro de um bolo. Essa gilete é o aborto e precisa ser retirada. Se o povo brasileiro quer aprovar o aborto, que seja de acordo com nosso ordenamento jurídico, e não à sombra de uma resolução da ONU” (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: inversão de causas; visão estereotipada do feminismo e das feministas

28

Mês: Agosto

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Seguidor de Bolsonaro da rede social *Facebook*

Contexto: Diante de um cenário de embate diplomático com o presidente francês Emmanuel Macron, devido as queimadas na Amazônia, Jair Bolsonaro endossou um comentário de um internauta no *Facebook*, que zombava da mulher de Macron, Brigitte, 24 anos mais velha que o marido. O seguidor postou foto dos dois casais com a legenda: “Agora entende por que Macron persegue Bolsonaro?” e Bolsonaro o respondeu.

“Não humilha cara. Kkkkkkk” (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo e das feministas; criação de mitos

Mês: Setembro

Emissor: Ministro da Economia, Paulo Guedes

Receptor: Cerca de 600 empresários em palestra realizada na cidade de Fortaleza

Contexto: Ao listar as ações realizada pela equipe econômica nos últimos meses, o ministro afirmou que, apesar dos avanços, a imprensa prefere noticiar atos polêmicos do presidente, endossando o posicionamento de Bolsonaro em relação a primeira dama da França.

“É feia mesmo, não é nenhuma mentira” (O GLOBO, 2019)

Característica do *backlash*: visão estereotipada do feminismo e das feministas

Mês: Setembro

Emissor: Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves

Receptor: Internautas presentes na rede social *Twitter*

Contexto: Post da ministra em seu *Twitter* em relação a sua denúncia ao site "AzMina", pelo fato do site ter apresentado uma longa reportagem com o título "Como é feito um aborto seguro", mostrando as recomendações da Organização Mundial de Saúde para aborto seguro.

“Uma apologia ao crime e que pode colocar tantas meninas e mulheres em risco” (FOLHA DE S.PAULO, 2019)

Característica do *backlash*: criação de mitos que geram insegurança na busca pela independência feminina

Mês: Setembro

Emissor: Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro

Receptor: Internautas presentes na rede social *Twitter*

Contexto: O presidente enfatizou novamente seu posicionamento sobre ideologia de gênero nas escolas de ensino fundamental do país.

"O AGU se manifesta sobre quem compete legislar sobre IDEOLOGIA DE GÊNERO, sendo competência FEDERAL. Determinei ao @MEC_Comunicacao, visando princípio da proteção integral da

Característica do *backlash*: diminuição do movimento feminista

Essas 24 falas ao longo dos nove meses de governo demonstram o reforço da ideologia patriarcal, e fomentam o desenvolvimento de práticas e discursos políticos que limitem a compreensão da sociedade em relação a gênero. A atual administração do Brasil tem ido um pouco além do que Faludi (2001) identificou no caso da "nova direita" estadunidense, se naquele contexto da década de 1980 a força estava concentrada nas relações públicas e com poucos ganhos legislativos, no Brasil a política implementada tem ido para além dos discursos: mudança de documentos internacionais retirando a palavra gênero e a proposta da Reforma da Previdência Social, que retira, majoritariamente, os direitos das mulheres, são ações no sentido de legitimar a institucionalização do *backlash*. O endosso do tema em entrevistas e discursos comprovam a hipótese proposta por este artigo, o antifeminismo é característica do governo Bolsonaro, e a busca pela retomada de pautas tradicionais e pró-família, se dão por meio da institucionalização de uma narrativa que nega os movimentos emancipadores da episteologia e do ativismo feminista.

4. Considerações finais

Compreendemos que as declarações destacadas constituem o fenômeno da construção de uma relação pública do atual governo dentro espectro observado por Faludi (2001). Os argumentos para contrapor a narrativa do acesso a direitos para as mulheres brasileiras tendem a estar correlacionados com uma criação de contrapontos de categorias, por exemplo, se o tema é saúde reprodutiva e/ou aborto, o governo Bolsonaro apresenta a retórica “pró-vida” e “pró-maternidade”, nos casos de demandas sociais contra a objetificação feminina e a desconstrução da ideologia patriarcal, aqueles que compõem o governo atual rebatem com a negação do que eles chamam de “ideologia de gênero” e uma narrativa “pró-família”.

Os pontos delimitados revelam uma ideologia que foi legitimada nas urnas no pleito de outubro de 2018. No sentido em que apresenta declarações deslegitimando

o movimento feminista, e criando uma hierarquia entre mulheres, o governo foi inserindo uma crença popular de que determinado grupo merece acesso aos direitos, e outros não. No objetivo de culpar o próprio movimento feminista pela emancipação das mulheres e definindo o empoderamento com viés negativo, a cúpula do governo legítima e contribuí para o antifeminismo. A principal questão observada é que essa narrativa e forma de se relacionar com o eleitorado tem gerado reflexos na definição de agendas, e na elaboração de políticas.

Se ampliarmos as palavras-chave e os meios de comunicação analisados, outras narrativas serão abarcadas pela investigação, da mesma maneira que se incluirmos o período eleitoral de 2018. A agenda de pesquisa sobre os discursos do governo Bolsonaro se mostra ampla, e o decorrer da administração pode vir a revelar fenômenos e práticas que endossam o *backlash*.

Referências

31

AGUINAGA, Margarita; LANG, Miriam; MOKRANI, Dunia; SANTILLANA, Alejandra (2011). "Pensar desde el feminismo: Críticas y alternativas al desarrollo", em LANG, Miriam; MOKRANI, Dunia (eds.), *Más allá del desarrollo*. Quito: Fundación Rosa Luxemburg; Abya Yala. p. 58-82. Disponível em: <http://rio20.net/wp-content/uploads/2012/07/mas-alla-del-desarrollo30.pdf> Acesso em: 19 set. 2019.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. (2013). "As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres". IV *Seminário CETROS: Neodesenvolvimentismo, trabalho e questão social*. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf Acesso em: 22 set. 2019.

BALLOUSSIER, Ana (2019). *Sob bênção de Damares, deputada prega sobre 'armadilhas do feminismo' no Ministério da Mulher* [online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/sob-bencao-de-damares-deputada-prega-sobre-armadilhas-do-feminismo-no-ministerio-da-mulher.shtml>. Acesso em: 21 set. 2019

BLOOMBERG (2019). *Se por acaso ele errou, terá que pagar o preço, diz Bolsonaro sobre Flávio* [online]. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/se-por-acaso-ele-errou-tera-que-pagar-o-preco-diz-bolsonaro-sobre-flavio/>. Acesso em: 19 set. 2019

BUTLER, Judith (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

CARAM, Bernardo (2019). *Ideologia de gênero é coisa do capeta, diz Bolsonaro na Marcha para Jesus*[online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/ideologia-de-genero-e-coisa-do-capeta-diz-bolsonaro-na-marcha-para-jesus.shtml>. Acesso em: 22 set. 2019

CASTRO, Amanda Motta;MACHADO, Rita de Cassia Fraga (2016). “Movimento Feminista no Brasil e América Latina: Reflexões sobre Educação e Mulheres”.*Revista Contrapontos*,V.16n.1. p.22-39. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/7943/pdf> Acesso em: 20 set. 2019.

COLLINS, Patricia Hill (1990). *Black Feminist Thought*. New York: Routledge, 2 ed.

DE ALMEIDA, Ronaldo (2019). “Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira”. *Novos Estudos* , V38 n01, 185-213.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/v38n1/1980-5403-nec-38-01-185.pdf> Acesso em: 22 set. 2019

DIAS, Marina (2019). *Na ONU, ministra discursa contra aborto e diz que direito da mulher é prioridade*[online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/na-onu-ministra-discursa-contra-aborto-e-diz-que-direito-da-mulher-e-prioridade.shtml>. Acesso em: 20 set. 2019

ENLOE, Cynthia(1993). *The Morning after: Sexual Politics at the End of the Cold War*, University of California Press, Berkeley.

EXAME; AGÊNCIA DE NOTÍCIAS (2019). “*Brasil não pode ser o país do mundo gay; temos famílias*”, diz Bolsonaro[online]. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-temos-familias-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 21 set. 2019

EXAME, ESTADÃO (2019). *Bolsonaro e Doria se manifestam contra “ideologia de gênero” nas escolas*[online]. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-diz-preparar-pl-que-proibe-ideologia-de-genero-em-escolas/>. Acesso em: 23 set. 2019

FALCÃO, Marina (2019). ‘*É feia mesmo, não é nenhuma mentira*’, diz Guedes sobre Brigitte Macron[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/e-feia-mesmo-nao-nenhuma-mentira-diz-guedes-sobre-brigitte-macron-23929580>. Acesso em: 23 set. 2019

FALUDI, Susan (2001). *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco.

FOLHA DE S. PAULO (2019). *Mulher agredida por MC Reaça está internada e deverá passar por cirurgia*[online]. Disponível em:

<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/06/mulher-agredida-por-mc-reaca-esta-internada-e-devera-passar-por-cirurgia.shtml>. Acesso em: 22 set. 2019

HOOKS, Bell (2005). *Ain't I a woman*. New York: Routledge.

LARA, Bruna; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa (2016). *#Meu amigo secreto Feminismo além das redes*. Edições de Rio de Janeiro, 1ed.

MAIA, Gustavo; MENDES, Adriana (2019). *Bolsonaro: 'Não posso admitir filmes como Bruna Surfistinha com dinheiro público'*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/bolsonaro-nao-posso-admitir-filmes-como-bruna-surfistinha-com-dinheiro-publico-23817326>. Acesso em: 22 set. 2019

MAIA, Gustavo; SOARES, Jussara (2019). *Bolsonaro cita assassinato de menino no DF e lamenta que Constituição não permita prisão perpétua*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-cita-assassinato-de-menino-no-df-lamenta-que-constituicao-nao-permita-prisao-perpetua-23748303>. Acesso em: 22 set. 2019

MARIZ, Renata (2019). *Enem 2019: Governo prepara inspeção em banco de questões para excluir da prova suposta 'ideologia de gênero'*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/enem-2019-governo-prepara-inspecao-em-banco-de-questoes-para-excluir-da-prova-suposta-ideologia-de-genero-23466043>. Acesso em: 19 set. 2019

MELLO, Patrícia (2019). *Itamaraty orienta diplomatas a frisar que gênero é apenas sexo biológico*[online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/itamaraty-orienta-diplomatas-a-frisar-que-genero-e-apenas-sexo-biologico.shtml>. Acesso em: 21 set. 2019

MOLICA, Fernando (2018). *Filho de Bolsonaro compartilhou funk que compara mulheres a cadelas*[online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/filho-de-bolsonaro-compartilhou-funk-que-compara-feministas-a-cadelas/>. Acesso em: 28 set. 2019

OKIN, Susan Moller (2008). "Gênero, o público e o privado". *Revista Estudos Feministas*, V.16 n.2, p.305-332.

OLIVEIRA, Eliane (2019). *Chanceler de Bolsonaro é atacado no Congresso devido a mudança de posição do governo em direitos humanos*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/chanceler-de-bolsonaro-atacado-no-congresso-devido-mudanca-de-posicao-do-governo-em-direitos-humanos-23860885>. Acesso em: 23 set. 2019

O GLOBO (2019). *Bolsonaro zomba de Brigitte Macron em comentário no Facebook e é acusado de sexism*[online]. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/bolsonaro-zomba-de-brigitte-macron-em-comentario-no-facebook-e-acusado-de-sexismo-23903418>. Acesso em: 23 set. 2019

O GLOBO (2019). *Confira a íntegra do discurso de Jair Bolsonaro no Congresso*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/confira-integra-do-discurso-de-jair-bolsonaro-no-congresso-23339328>. Acesso em: 19 set. 2019

O GLOBO (2019). *Damares defende que abstinência sexual seja discutida nas escolas* [online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/damares-defende-que-abstinencia-sexual-seja-discutida-nas-escolas-23710492>. Acesso em: 21 set. 2019

O GLOBO (2019). *Eduardo Bolsonaro pede que professores evitem feminismo* [online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eduardo-bolsonaro-pede-que-professores-evitem-feminismo-23349531>. Acesso em: 19 set. 2019

PAINS, Clarissa (2019). *'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em video* [online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 19 set. 2019

QUERO, Caio (2019) *Para evitar “promoção do aborto”, Brasil critica menção à saúde reprodutiva da mulher em document da ONU*[online]. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/26/para-evitar-promocao-do-aborto-brasil-critica-mencao-a-saude-reprodutiva-da-mulher-em-documento-da-onu.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2019

SAFFIOTI, Heleieth I. B. (2001). “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero”. *Cadernos Pagu*, n16, p.115-136.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

SILVA, Fabricio Pereira(2014). “Quinze anos da onda rosa latino americana: balanço e perspectivas”, *Observador On-line*,V.9 n.12. Disponível em: https://www.academia.edu/24574677/Quinze_anos_da_onda_rosa_latino-americana_balan%C3%A7o_e_perspectivas Acesso em: 22 set. de 2019.

SOARES, Jussara; ORTE, Paola; Ritner, Daniel (2019). *Trump e Bolsonaro celebram 'o ocaso do socialismo' nas Américas*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/trump-bolsonaro-celebram-ocaso-do-socialismo-nas-americas-23534107>. Acesso em: 20 set. 2019

SOUZA, André (2019). *Damares repete que, 'no casamento, mulher é submissa ao homem'*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/damares-repete-que-no-casamento-mulher-submissa-ao-homem-23603765>. Acesso em: 22 set. 2019

TICKNER, J. Ann. (1992). *Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security*. Columbia University Press.

VIEIRA, Renata (2019). *Bolsonaro diz que não se referiu aos nordestinos com o termo 'paraíba'*[online]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-nao-se-referiu-aos-nordestinos-com-termo-paraiba-23821616>. Acesso em: 22 set. 2019

VITORIO, Tamires (2019). *Ministério com 20 homens e 2 mulheres é “equilibrado”, diz Bolsonaro*[online].Disponível em:<https://exame.abril.com.br/brasil/numero-de-ministros-e-ministras-esta-equilibrado-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 20 set. 2019

ZAREMBA, Júlia (2019). *Revista faz reportagem sobre aborto e é denunciada por Damares*[online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/revista-faz-reportagem-sobre-aborto-e-e-denunciada-por-damares.shtml>. Acesso em: 23 set. 2019